

CAPÍTULO 3

ESCRITOS SOBRE A PEDAGOGIA INTERDISCIPLINAR¹

Michely Maria Vieira Sousa

Mylena Vicente da Silva

Vinícios Matheus Dos Santos Farias

Doi: 10.48209/978-65-5417-263-2

A pedagogia interdisciplinar surge como um modelo de educação crítica em relação à educação tradicional. Isso porque o modelo tradicional é pautado no conhecimento disciplinar, no qual a existência de conexão entre as disciplinas educativas é ínfima. A principal crítica realizada pelos defensores do modelo interdisciplinar é a de que os alunos não dispõem de autonomia no processo educativo baseado na disciplinaridade. Nesse sentido, a proposta interdisciplinar emerge de um movimento de mudança nos contextos sociais e econômicos na Europa, a partir da década de 1960 (Fiod, 2012).

O disciplinamento dos homens surge com a ruptura do feudalismo e o surgimento do capitalismo. Com a chegada das máquinas e a ascensão da sociedade do trabalho, surgem os conflitos entre os artesãos e os patrões. A oposição dos trabalhadores ao maquinário resulta em manifestações, como no caso do luddismo, movimento em que as pessoas lutavam para manter seu estilo de vida

¹ Esse resumo expandido foi redigido tendo com base no capítulo: FIOD, Edna Garcia Maciel. Interdisciplinaridade na Educação: Algumas Reflexões. In: VENDRAMINI, Célia Regina; AUED, Bernardelli Wrublevski. (org.). Temas e problemas no ensino em escolas do campo. – 1º ed., – São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 155-180.

e que não queriam dedicar seus dias apenas ao trabalho. A partir disso, provocaram atos de sabotagem e quebra de máquinas como forma de resistência (Fiod, 2012).

Diante desta situação, os donos do capital buscaram meios de acabar com a indisciplina e manter os camponeses e artesãos disciplinados para o trabalho nas fábricas, e, assim, garantir a produção de riqueza por meio da força. Uma das soluções encontradas foi a imposição das novas formas de educar para manter a ordem e, para isso acontecer, a escola seria uma aliada fundamental na busca para superar as formas de aprendizagem artesanal. Nesse contexto, o papel da escola era o de promover a socialização dos conhecimentos sistematizados, a fim de garantir a alfabetização e aprimoramento das concepções de mundo dos jovens, como a ética e valores sociais. Desse modo, a submissão dos trabalhadores para a produção da riqueza burguesa não pode ser considerada como algo natural, já que é fruto de um processo histórico (Fiod, 2012).

A história mostra que homens e mulheres não podem abdicar da educação, desse pressuposto que mantém como tal, pois o processo educativo não é, nesse sentido, um apêndice mais ou menos inútil de que a sociedade pode prescindir. Ao contrário, a educação é tão visceralmente social que uma comunidade humana não poderia ter esse atributo essencial, o de ser humana, se esta componente não fizesse parte dela.

Neste momento de transição histórica, a contraposição entre disciplina-ridade e interdisciplinaridade instiga muitas indagações. A principal delas é a afirmação de que um novo processo educativo nasce da oposição à educação tradicional, e não da superação da sociedade capitalista que a materialidade impõe como necessidade histórica. Por isso mesmo, o embate interdisciplinar/disciplinar fica restrito à discussão sobre formas do processo educativo. Prisioneiros das aparências, defensores da interdisciplinaridade, difundem a crença de que o problema da escola pode ser resolvido mediante a mudança de atitude na relação entre professor-aluno-conhecimento, e a negação do conhecimento.

Levando em consideração esse contexto, para serem interessantes, as atividades educacionais precisavam ser impulsionadas pelos interesses dos alunos, pois o que motiva a busca do conhecimento são as necessidades imediatas advindas de suas próprias experiências de vida. Além disso, as formulações interdisciplinares sobre o novo modo de aprender colocam em questão o ato de educar, a condição social que transmite à geração jovem a forma de ser dos homens deste tempo.

A pedagogia interdisciplinar toma emprestados alguns princípios das chamadas pedagogias das competências (Fiod, 2012 apud Duarte, 2001). Semelhante a elas, supõe-se que: o aluno deve ser sujeito ativo do seu conhecimento; e as atividades escolares devem partir do saber inicial dos alunos para desenvolver competências que venham a ampliar repertório teórico/conceitual. Em decorrência, são mais desejáveis os conhecimentos que os alunos constroem por si mesmos, por meio de debates, do que conteúdos prontos e acabados da escola do modelo tradicional. Aprender com seus pares, sem interferência direta dos professores, contribui para a formação crítica e autônoma dos aprendizes: é mais importante que o aluno desenvolva um método de aquisição, elaboração e descoberta de conhecimentos ao invés de só reproduzir os conteúdos já prontos.

A construção de um conhecimento teórico-prático, em oposição à fragmentação do saber tradicional, e a destituição do professor como agente central no processo de transmissão do conhecimento são formulações centrais da pedagogia interdisciplinar. Essa concepção apresenta como condições suficientes para a constituição de uma nova educação, do pressuposto capaz de formar sujeitos críticos e criativos. Nessa perspectiva, o professor não é de todo descartável. Ele é mantido, porém, como uma nova tarefa: a de facilitador-interlocutor da aprendizagem, algo impossível de ser definido numa relação pedagógica.

É importante ressaltar que a abordagem interdisciplinar do conhecimento e o discurso pedagógico que a acompanha são marcados por uma profunda

indefinição teórica. Essa indefinição, que está na base da interdisciplinaridade, prejudica o conhecimento metodológico e científico que são básicos para a sociedade contemporânea.

Obviamente, as discussões sobre a introdução da perspectiva interdisciplinar nas escolas não querem dizer o fim das disciplinas do currículo, a substituição delas por projetos, ou o fim da atuação docente autônoma em sala de aula. A crítica é sobre o conhecimento geral (universal) ordenado e sistematizado que não dá conta de promover uma formação que seja realmente relevante para o contexto social do aluno.

Fiod (2012) destaca que os conteúdos de todas as disciplinas são importantes, porém eles são dados pelos professores, muitas vezes de maneira isolada e isso pouco agrega em uma formação flexível, polivalente e autônoma, na qual os alunos são os protagonistas do processo de aprendizagem escolar.

A interdisciplinaridade é apresentada como uma superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, conhecimento científico, realidade, teoria e prática. Ela visa criar condições para que os professores possam desempenhar um papel de pesquisador, ao detectarem os problemas sociais nos contextos em que os alunos estão inseridos e fazerem com que eles atuem ativamente sobre eles (Fiod, 2012).

O debate em torno da interdisciplinaridade é muito complexo, pois pode haver más interpretações que legitimem o discurso de que a ineficácia escolar é resultado das ações pedagógicas dos professores dentro de suas disciplinas. De fato, a interdisciplinaridade nasce em oposição ao método de ensino tradicional, em que as disciplinas estão fragmentadas dentro do currículo escolar. Mas, a discussão que perpassa o debate dessa prática pedagógica instiga aos professores que adotem métodos dialógicos que estimulem uma educação coletiva, em que os conhecimentos científicos não são tratados de maneira isolada, mas de forma conjunta entre professores e alunos (Fiod, 2012).

Fiod (2012) pontua que há diversas interpretações a respeito da interdisciplinaridade, porém a mais comum é aquela atribuída à ação pedagógica docente dentro do campo educacional. Nesta concepção, esse método interdisciplinar age como um modelo de ação integrada, no qual os educadores unem os conhecimentos de suas disciplinas em determinados projetos que são realizados em parceria entre diferentes professores com os alunos. Nesse modelo, não existe uma “hierarquia” entre professor e aluno, ambos agem igualmente no processo de construção do conhecimento. O aluno aprende com o professor e o professor aprende com ele, nessa relação de igualdade, o discente se torna o protagonista, um sujeito ativo dentro do processo de ensino-aprendizagem, e é ele quem cria seu próprio saber, a partir do momento em que seleciona que conhecimentos são considerados importantes para sua formação pessoal e quais são “descartados”.

Sendo assim, Fiod (2012) indaga que a quebra de fronteiras entre as disciplinas científicas na educação básica permite que a construção do conhecimento também parta das experiências dos próprios alunos. A metodologia interdisciplinar advém da premissa de que o homem é responsável por moldar suas ideias, além disso, ele também é responsável pelo seu êxito e pelo seu fracasso durante o processo de aquisição das competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho do mundo contemporâneo.

É válido destacar que o mercado contemporâneo não quer só trabalhadores que desempenham funções específicas, ele também pressupõe a atuação de jovens com um perfil flexível, que desempenhem ações de vigilância, pesquisa e adaptabilidade na resolução de problemas que surgem nestes contextos. Das escolas, é exigida a formação de cidadãos não só com domínio da ciência disciplinar, mas também com conhecimentos sobre a realidade que os cerca. De acordo com a perspectiva interdisciplinar, isso só será possível se a instituição de ensino criar um espaço de discussão e reflexão, no qual os alunos possam desenvolver atitudes de pesquisa, observação, registro, análise e síntese para propor soluções para os problemas sociais que os cercam.

Em síntese, segundo a perspectiva interdisciplinar, a formação crítica só será possível se o aluno se tornar o centro da educação escolar, além disso, ele também deve ser um sujeito ativo do próprio conhecimento. O educando deve ser aquele que “aprende a aprender” durante o processo de ensino-aprendizagem, o protagonista da sua história. Nesse cenário, o professor se torna um facilitador e um interlocutor da aprendizagem, ao administrar as discussões dos conteúdos propostos pelos próprios alunos.

Referência

FIOD, Edna Garcia Maciel. Interdisciplinaridade na Educação: Algumas Reflexões. *In: VENDRAMINI, Célia Regina; AUED, Bernardelli Wrublewski. (org.). Temas e problemas no ensino em escolas do campo. – 1º ed., – São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 155-180.*